

JOÃO AGUIAR

O PRIORADO DO CIFRÃO



PORTO EDITORA

1

Na Sala 56 – Secção Mesopotâmia – do Museu Britânico, em Londres, encontra-se exposta uma preciosíssima peça da arte suméria, datada de aproximadamente 2.600 a.C. e vulgarmente conhecida sob a designação «o Estandarte de Ur». Na realidade, não é uma bandeira e sim uma espécie de cofre estreito e comprido que pode ter sido a caixa de ressonância de um instrumento musical; os dois lados maiores, rectangulares, têm cerca de 22 centímetros de altura por 50 de comprimento e estão cobertos de figuras que contam a história de uma batalha e do banquete da vitória: esta é, possivelmente, a mais antiga banda desenhada que se conhece, com todas as características deste género de expressão, excepto o texto.

Numa madrugada de Junho, encharcada de chuva e varrida de vento, o corpo sem vida de *Sir* Alastair Hopkins-Smith foi encontrado na Sala 56, junto da vitrina que encerra o Estandarte de Ur. À maneira de um romance de Agatha Christie, alguém lhe trespassara o coração com um longo e aguçado alfinete, daqueles que serviam, em finais do século XIX e primeiros anos do século XX, para prender os consideráveis chapéus femininos aos cabelos das elegantes da aristocracia e da alta burguesia. Manobrado com terrível perícia, o espigão embebera-se por completo no corpo da vítima; de fora apenas ficara a cabeça do alfinete, de prata maciça – e que, estranhamente, sacrilegamente, representava um falo.

Um tal acontecimento não podia deixar de excitar todos os *media* britânicos e com particular fervor os tablóides e os noticiários das cadeias de televisão. Sem ser propriamente uma celebridade, *Sir Alastair* era bem conhecido em certos meios: formara-se em Cambridge, onde leccionava, e dirigia um curso na Universidade de Bristol. Era, ainda, membro do corpo de consultores do Museu Britânico, o que, de certo modo, apimentava o evento, pois assim se abriam portas para as mais desordenadas especulações. À falta de melhor, falou-se de uma conspiração em curso para subtrair várias peças do museu e levá-las de regresso aos países de origem. Também houve, evidentemente, quem garantisse que o crime fora cometido por um comando da Al-Qaeda. E por uma brigada do IRA, tão recentemente reactivada que ninguém ouvira falar dela. Desesperado pela falta de matéria sólida, um jornalista chegou mesmo a afirmar ter indícios que apontavam para a ETA, embora não fosse possível vislumbrar a lógica ou as bases da afirmação.

Na realidade, tudo isto manifestava, acima de tudo, um desabafo e uma compensação para egos magoados: os jornalistas, os fotojornalistas e os respectivos editores sentiam-se particularmente frustrados, pois tinham deparado com uma barragem de silêncio, imaterial e não explícita, porém muito eficaz. Nem a direcção do Museu Britânico, nem a Scotland Yard, nem qualquer outra peça da máquina oficial se recusou a responder a perguntas ou fugiu a entrevistas e conferências de imprensa; simplesmente, os factos fornecidos como alimento mediático não chegavam sequer para encher meia cova de um dente de jornalista estagiário. À conta disso, foram publicados alguns comentários e crónicas mordazes sobre a falta de cooperação das autoridades, cuja resposta, invariavelmente, era cordata, sorridente e solícita: ofereceram-se para mais entrevistas e conferências de imprensa, tão frustrantes como as anteriores.

O ponto mais vulnerável da fortaleza parecia ser o museu, com um abundante pessoal que não estava vinculado a disciplinas policiais; seria com certeza possível convencer um ou dois funcionários a falar, a troco de discretos argumentos esterlinos ou de ver

a sua imagem nos jornais televisivos. Este plano, porém, saiu completamente furado, porque nem sequer os trabalhadores das limpezas se descoseram. A única alternativa que restou aos desapontados cavaleiros da informação foi encher algum espaço com «O Mistério do Museu Britânico», «Onde Está Poirot?» e «O Que Esconde O Silêncio Da Polícia?». Polícia que, pacientemente, respondeu: havia mistério, sim, mas somente porque ainda se desconhecia a identidade do assassino; sobre Poirot, nada havia a dizer; e quanto ao silêncio, esse nada escondia, apenas mostrava que o dispositivo policial estava em campo mas que lutava contra a ausência de factos objectivos e de pistas sólidas.

Porém, a verdade nua e crua é que, neste caso concreto, os jornalistas tinham razão. Alguém, dentro da Scotland Yard, accionara um subtil e poderoso mecanismo oculto que bloqueara informações não só nos meios policiais como no próprio museu. Devido a esse mecanismo, não chegaram ao conhecimento da comunicação social vários factos concretos que, pelo que tinham de inaudito, fariam a felicidade das Redacções.

Facto: *Sir Alastair Hopkins-Smith* não era adepto de nenhum clube de futebol porque odiava o futebol.

Facto: na mesma noite do assassinio, a sua residência, que ficava na zona de Notting Hill Gate, fora passada a pente fino e toda a documentação ali guardada tinha desaparecido. Não havia sinais de arrombamento. O professor era viúvo, sem descendência, e vivia sozinho; a informação sobre o roubo dos documentos fora prestada pela mulher da limpeza (que, depois disso, sem falar com jornalistas, partira discretamente, em férias pagas por alguém, para a sua terra natal, que era Lagos, Nigéria).

Facto: segundo o testemunho do director do Museu Britânico, *Sir Alastair* estava a escrever um livro em que atacava com erudição e desusada virulência um autor americano, Ben Browning, o mesmo que publicara *The Caravaggio Papers*, romance que estava a conhecer um êxito quase sem precedentes nos Estados Unidos, êxito que, tudo o indicava, iria alastrar-se rapidamente a todo o mundo.

Facto: *Sir Alastair* só usava meias pretas.

Facto: embora o seu corpo fosse encontrado na Sala 56 do Museu Britânico, a polícia científica não tardou muito a apurar que, na realidade, o crime fora cometido na Sala 70 (Secção Império Romano) e que a vítima, após ser atacada, ficara tombada diante da cabeça de bronze do imperador Augusto. Só depois fora levada para a Sala 56 e colocada junto do Estandarte de Ur.

Facto: quando foi encontrado por um guarda que fazia a sua ronda, o corpo de *Sir Alastair* encontrava-se numa estranha posição: deitado sobre o lado direito e com o braço direito disposto de modo a que a mão ficasse à altura da boca. Além disso, todos os dedos, excepto o polegar, estavam dobrados; quanto ao polegar, fora introduzido na boca da vítima. Conforme declaração do guarda (prontamente repreendido pelo director do museu): «Parece mesmo que ele morreu a chuchar no dedo».

Estes os factos que não foram revelados à comunicação social e que, portanto, não chegaram ao conhecimento do público.

✱

Fora do Reino Unido, quase ninguém sabia quem era *Sir Alastair Hopkins-Smith* e, além disso, um velho professor universitário não tem a mínima dose daquilo a que se chama *glamour*, *sex appeal* e etc. As notícias sobre o assassinio correram mundo, como é natural na nossa era, mas, regra geral, ocuparam pouco espaço nos jornais e pouco tempo nas televisões. Por exemplo, em Lisboa (Portugal), o caso foi divulgado televisivamente já em fim de noticiário, colado à previsão meteorológica.

Cerca de um mês após a difusão desta notícia, numa freguesia periférica da mesma cidade de Lisboa, ocorria uma cena que nunca viria, de todo, a ser falada.

O cenário era um prédio vulgar daquela zona. No segundo andar, que fora convertido em escritório discreto, dois homens encontravam-se sentados dentro de um gabinete acanhado.

Um deles, o que estava atrás da secretária e de costas para a janela, tinha o ar de um mocho próspero. De notar que esta prosperidade era deselegante, pelo que parecia um pouco falsa: nada

lhe ficava bem, nem os óculos redondos, nem a camisa branca, nem a gravata listada, nem o casaco azul – e se estivesse de pé seria ainda pior, porque as calças cinzentas lhe assentavam pessimamente. Em todo o caso, era um mocho próspero (enfim, relativamente) e detentor de autoridade.

O segundo homem estava submetido a essa autoridade, mas isso não o incomodava – isto é, na aparência, somente; o seu à-vontade era um esforço que fazia para salvar o ego, já prejudicado por uma estatura reduzida e um não-sei-quê de insignificante. Numa voz arrastada, para não parecer nervoso ou ansioso, disse:

– Bem, isso é verdade, objectivamente. Mas, mais cedo que tarde, o puto vai desconfiar. Se é que não desconfia já. É impossível manter tanto tempo uma operação como esta sem que...

O mocho próspero atalhou:

– Só é impossível se alguém fizer asneira.

– Justamente! – exclamou o outro. – E quando as coisas se prolongam, alguém acaba por fazer uma asneira qualquer. É dos livros.

Abanando a cabeça sabiamente, o mocho retorquiu:

– Dos seus livros, talvez, mas não dos meus. Somos todos bons profissionais. Um bom profissional nunca falha, pelo menos no que é importante. Você está a fazer-me perder tempo. Volto a perguntar: ele deu algum sinal, ainda que ténue, ainda que ligeiro, de alguma desconfiança?

– Não. Mas é precisamente...

Erguendo a mão direita com autoridade, o mocho declarou:

– Chega. Deixe o resto por minha conta. Preocupe-se agora com as escutas do ICB16.

Depois de o seu subordinado ter saído do gabinete, o mocho abriu uma gaveta da secretária onde se encontrava uma pequena pilha de revistas pornográficas e uma embalagem de pastilhas elásticas. Retirou uma pastilha, que colocou na boca, e fechou a gaveta. Puxou para si o teclado do computador, abriu um novo ficheiro de texto e recolheu-se espiritualmente durante trinta segundos. Passado esse tempo, começou a escrever.